

A moral dos Germanos e Scandinavos distingue-se por um grande respeito á mulher, mas as suas obrigações eram muito severas.

Um estudo, sobre a moral, ensinada pelo Islanismo, mostra que ella é ainda inferior, em muitos pontos, notando-se um grande desprezo pela mulher, exaltação dos instinctos e admiração da violencia.

Todavia, o Islanismo deu origem a uma civilização forte que progrediu rapidamente, para depois retrogradar, e possuindo tambem alguns conceitos moraes superiores.

Volvendo as vistas á Grecia antiga, encontra-se uma civilização deslumbrante, para a epoca, acompanhada de um grande progresso moral que se ia manifestando, pelas concepções grandiosas dos seus philosophos, muitas das quaes ainda hoje perduram.

Segundo A. Bochard, a moral grega divide-se em duas phases, sendo que a primeira é a consequencia do anthropomorphismo e do polytheismo primitivo, manifestando-se a segunda pela moral philosophica.

«Athenas, affirma este autor, teve a hegemonia intellectual, moral e artistica da Grecia e, como uma annunciadora da democracia occidental, ella estabeleceu leis de protecção, em favor dos escravos e elevou um altar á piedade.

Nenhum povo, melhor do que Athenas, continúa affirmando, concebeu a justiça social, obliterada unicamente pela escravidão e gynecen».

Eu me dispenso de um estudo demorado, sobre a moral christã, pois os nossos costumes são essencialmente baseados nessa moral.

Lembro apenas que a civilização occiden-

tal firma-se nella que é, sem contestação, a moral mais elevada e mais completa, principalmente, se a encararmos com as modificações successivas, porque tem passado, no Norte da Europa e na America do Norte, de accordo com a influencia do meio, as condições economicas, as transformações sociaes e o desenvolvimento da cultura humana (1)

Eu deixarei tambem de me manifestar, sobre as differentes doutrinas moraes e emittidas pelas diversas escolas philosophicas que são criações individuaes e escapam aos fins deste trabalho, para citar apenas as theorias mais notaveis de alguns sociologos, sobre a moral considerada, como facto, producto ou phenomeno social.

Agora, que algumas phrases foram deixadas, emboras rapidas em excesso, sobre as diversas manifestações do phenomeno moral, nos differentes graus de civilização, pode-se, com mais vantagem, deixar alguns conceitos, sobre a sua origem ou as theorias que tentam desvendal-a.

Darwin em suas theorias, sobre a transformação das especies, Stuard Mill, Spencer, com o evolucionismo, e outros escriptores tambem notaveis, vieram trazendo dados, estabelecendo bases para um estudo scientifico da moral.

Mas, foi Durkheim quem conseguiu uma base, verdadeiramente scientifica, hoje dominante em Sociologia, para o estudo dos phenomenos moraes.

Muitos escriptores, que aparentemente

(1) Refiro-me mais á moral genesica.

combatem o grande sociologo francez, não lhe aceitando as doutrinas nos seus detalhes, não conseguem furtar-se ao plano geral da obra, reconhecendo finalmente a influencia dos diferentes factores que actuam, provocando o apparecimento do phenomeno moral e o seu posterior desenvolvimento.

Mas, convem não antecipar os factos e lançar uma vista minuciosa, sobre a manifestação da moral, nas diversas sociedades já citadas, neste trabalho.

Mostrei, como a noção do dever, virtude e crime tem variado, de accordo com o grau de civilização, com as sociedades, as religiões, enfim com a influencia do conjuncto dos factores que agem na evolução humana.

Se a moral é um phenomeno social, as suas origens só podem ser procuradas na sociedade e se elle se passa na natureza o seu desenvolvimento, é fatalmente orientado pelas forças naturaes.

Matar seus proprios paes já foi um acto digno e perdoar um inimigo, um signal de fraqueza!!!.....

Parece até incrível, mas é verdade que o ser humano pudesse descer a tão grande villeza que o torna mais bruto do que os proprios brutos.

«Quasi que não se pode citar um crime que a consciencia não tivesse santificado, em qualquer parte, como um dever e quasi que se não pode citar um dever, digno desse nome, que, em qualquer parte, não tivesse sido condemnado como um crime.» (1)

(1) Savage

Antes, porem, de proseguir, nesta orientação, deixarei algumas noções, embora muito ligeiras, sobre as concepções do crime.

As diferentes escolas em criminologia apenas interessam este trabalho, quando encaradas, como phenomenos scientificos, realizados nas sociedades.

E, como consequencia, a variação do interesse que desperta o crime a este estudo e que se manifesta, segundo a concepção preferida.

Se fosse verdadeira a Escola Classica, a Sociologia não poderia interessar-se com as origens do crime, cujas raizes se iriam firmar, na vontade individual, concebida, atravez da hypothese do livre arbitrio.

Nestas condições, somente as suas consequencias, como um factor de desaggregação social, deveriam ser estudadas, neste trabalho.

A Escola Anthropologica ainda continua, como a Escola Classica, na mesma posição, relativamente ao interesse que possa despertar ao estudo da Sociologia.

Deste modo, Lombroso empresta importancia absoluta, ao factor individual, quando concebeu o typo do criminoso, com seus caracteres anatomicos, affirmando que «o crime é um phenomeno de anormalidade biologica. por atavismo organico e psychico.»

Seja o criminoso um phenomeno de anormalidade biologica por atavismo, como affirmou Lombroso ou um degenerado, como julgam Charcot, Sergi, Morel e outros, classifiquem o crime irmanado á loucura ou ainda attribuem á anormalidade biologica e psychica dos criminosos, ou ao desequilibrio funcional de alguma glandula, o que se se torna evidente é o ca-

racter unilateral destas doutrinas, descobrindo no crime, apenas um facto individual e que por isto mesmo escapa aos limites da Sociologia, a não ser pelas consequências produzidas.

Entretanto, outras theorias se apresentam, tomando uma orientação também unilateral, mas desta vez, apontando a sociedade, como mais ou menos responsável pelo apparecimento do crime.

Segundo Vaccaro a estrutura politica e social é causa bastante forte, para provocar o apparecimento do crime, e Turati inclina-se para o factor economico.

Numerosos criminalistas desenvolvem, com maior ou menor entusiasmo, a orientação que attribue, a causas de origem social, a manifestação do crime, nos seus mais variados aspectos,

Tarde attribue á imitação uma influencia preponderante, nas diversas manifestações da criminalidade.

Em qualquer destas theorias que emprestam aos factores sociaes uma preponderancia dominadora, o crime é encarado, como um phenomeno de natureza inteiramente social, pela origem, pelo desenvolvimento e por suas consequências.

Entretanto, Eurico Ferri culminou, com sua theoria, retirando os exageros das anteriores interpretações sempre unilateraes e aproveitando as descobertas e os conceitos que podiam ser enfeixados, em uma mesma direcção.

A sua innovação consistiu em um encontro mental, em que o seu cerebro poderoso pode harmonizar conceitos, aparentemente antagonicos, que pareciam irreconciliaveis, aquelles, cujas observações faziam-se sempre

baseadas, em uma determinada ordem de conhecimentos

Lombroso estudava o crime, atravez da Biologia e de suas manifestações biologicas, seguindo, deste modo, a tendencia e a principal cultura do seu espirito.

Outros, cujas preferencias voltaram-se para as sciencias sociaes, explicavam com ellas a manifestação da criminalidade, porque as suas vistas ficavam limitadas, por esta forma unilateral de orientar seu pensamento.

Ferri conseguiu observar de mais longe, com um golpe de vista mais largo, compreendendo desde logo que as theorias anteriores não eram de todo falsas e apresentavam muitos conceitos verdadeiros e criteriosos.

Para elle, o delicto não é apenas uma anormalidade biologica ou social, mas participa destas duas naturezas, isto é, uma anormalidade biologica e social «um phenomeno de origem complexa, biologica, physica e social, com graus e modalidades differentes, mas sempre o resultado necessario do concurso simultaneo destas tres ordens de condições materiaes.»

Com a concepção de Ferri, o crime tem uma parte que se liga á sociedade e é somente por este lado, que elle se prende ao estudo da Sociologia.

A parte biologica não interessa a este trabalho e a influencia tellurica só pode aqui ser estudada, como uma causa que vae actuar no desenvolvimento de um phenomeno social.

Mas, voltando á descripção dos valores moraes, vê-se que, segundo Mill, elles tiveram suas causas, no temor ou utilidade e Spencer julgava que a humanidade caminharía para uma

a consciencia humana, impondo um conformismo no modo de pensar e uma regra de conducta especial, de accordo com os diversos agrupamentos.

Mas o phenomeno ainda mais se complica, quando Levy Bruhl fala da existencia de uma moral pratica.

A arte moral consistiria, então, em mostrar aos individuos os ideaes que os sociologos reconhecem, como necessarios a uma epoca dada.

Mas, o facto da moral ser encarada como um phenomeno de natureza inteiramente social, não exclue a possibilidade de se reconhecer, neste phenomeno, uma natureza toda transcendente, de forma tão complicada e manifestações tão subtis que se tem furtado ás conclusões logicas do pensamento e aos processos mais rigorosos de observação scientifica.

Os factos sociaes possuem caracteres que lhes são communs e os distinguem dos outros phenomenos da natureza, mas elles se differenciam, entre si, apresentando formas, infindamente variadas, que apparecem, como consequencia de sua extrema complexidade.

A concepção da moral, como phenomeno, facto natural, manifestação da sociedade, ainda provoca outra consequencia.

Ella apresentaria então todas as qualidades, inherentes á natureza dos phenomenos sociaes, e, como elles, exerceria influencia na evolução dos outros factores.

Do mesmo modo, soffreria a acção dos outros phenomenos, modificando-se, melhorando e aperfeiçoando-se, de accordo com o progresso da sociedade e o desenvolvimento da civilização e da cultura humana.

Entretanto, alguns exageros existem que devem ser combatidos.

E' necessario reconhecer-se que o phenomeno moral, pela idealidade mesmo que apresenta, é susceptivel de um aperfeiçoamento constante.

Toda sociedade considera bons os factos que, em geral, concorrem para a sua segurança, mas estes conceitos têm fatalmente de mudar e uniformizar-se á medida que a civilização avança e o homem vae conseguindo uma concepção mais vasta, mais perfeita e mais idealizada da vida.

Alguns povos, mesmo na antiguidade, puderam formar um conceito, mais perfeito e completo da moral, entretanto, estas sociedades muitas vezes desappareceram, subjugadas por outras, possuidoras de uma moral mais grosseira e mais inferior.

Naquella epoca, effectuava-se uma selecção de povos, vencendo sempre os mais fortes porque ella era baseada na coragem, na força phisica, na violencia e na rudeza de costumes.

Hoje o phenomeno apresenta-se um pouco modificado, porque muitos povos fortes, de uma moral guerreira e selvagem, são vencidos e, ás vezes assimilados, por algumas nações que adoptam a religião christã e cuja moral de piedade torna a sua população mais sentimental, mais moderada e mais humana, o que vem provar que a selecção, entre as nações, consequencia da lucta realizada entre ellas, está passando, por uma modificação profunda.

Isto explica a moral desenvolver-se, de accordo com a concepção a mais vasta da sociedade, embora este grande ser social fraccione-se successivamente, differenciando-se em na-

ções, grupos, profissões, classes, etc. agrupamentos estes que se vão deixando dominar, pelas manifestações ideaes do pensamento que, secundariamente, vão apparecendo, embora ligadas á origem commum.

Deste modo, pode se aceitar a moral, como phenomeno social, consequencia da sociedade e, ao mesmo tempo, admittir-se a existencia do bem, como uma concepção bella, perfeita e sublime, a qual illuminará as sociedades porvindouras.

Outro caso interessante é o da moral da piedade.

Nietzsche scindiu a moral em moral de senhores e moral de escravos e a denominação parece mesmo dispensar qualquer explicação sobre o caso.

Comtudo, repetirei que a moral dos senhores é a moral dos fortes, dos dominadores, daquelles povos que se atiram á lucta, subjugando os rebanhos humanos.

A moral de escravos seria então a moral da resignação, da paciencia, dos incapazes, finalmente das multidões inconscientes...

Com esta concepção a piedade se tornaria uma fraqueza e um sentimento inferior, indigno das almas fortes...

Ora, a incoherencia desta doutrina, com os ensinamentos da Sociologia, são flagrantes.

Nietzsche foi um grande genio, luminoso e sublime, parece que a sua missão foi a de desvendar erros e illusões, como philosopho atingiu a alturas inacessiveis, mas, se fosse um sociologo, comprehenderia que as sociedades não se nutrem de verdades e que só se mantêm de ideaes e de sonhos.

Se a moral é um phenomeno social, um producto das sociedades, como admittir-se, de boa fé, que a moral de um povo selvagem e de sentimentos guerreiros, violentos e brutaes, seja superior á moral, seguida pelos povos civilizados e cultos?!...

E' esta a conclusão a que se chegará, fatalmente, se porventura se aceitar a classificação de Nietzsche, pois vae se encontrar, em povos barbaros e selvagens, uma moral que, pela classificação deste autor, seria considerada como moral de senhores, emquanto que nos povos civilizados e cultos domina outra que, pela mesma classificação, seria julgada como moral de escravos.

Eu me abstenho de discutir se a piedade é ou não uma fraqueza, apenas affirmo que ella só pode apparecer, com uma forma vasta, perfeita e verdadeiramente universal, quando as sociedades attingiram ás phases superiores da cultura humana.

E' uma fraqueza... mas esta fraqueza deu origem ás sociedades modernas e, somente com ella, o homem pode collocar-se, acima da animalidade, ascendendo ás phases superiores da civilização, arrastado para o ideal e para luz.

